

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Comunicação Científica

Alguns indicadores da produção em jornal laboratório em Curitiba

Marcelo Engel Bronosky¹

marceloengel2004@hotmail.com

Paulo Gomes²

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo estabelecer um mapa da produção laboratorial impressa, a partir dos jornais laboratório, dos cursos de jornalismo localizados na cidade de Curitiba, bem como procurar reconhecer características que estão para além de apenas espaços de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa maior, em curso, que tem por intenção identificar a existência e principais características de jornais laboratório no Paraná como forma de contribuir para o entendimento deste espaço de formação profissional.

Palavras-chave: produção jornalística, jornais laboratório, ensino de jornalismo

Elemento fundamental de um curso de jornalismo, o jornal-laboratório tem se mostrado grande aliado na tentativa de solução da dicotomia existente entre teoria e prática na universidade. No curso da história, essa atividade se sobressai à medida que o Decreto-Lei 972, de 17 de outubro de 1969, passa a regulamentar o jornalismo como profissão e a exigir o diploma do Ensino Superior para exercê-la. Além disso, o jornal-laboratório passa a se destacar como peça-chave de aprendizado à medida que o artigo 19, do Decreto-Lei 83.284, de 13 de março de 1979, acaba potencializando sua necessidade ao proibir o estágio em empresas jornalísticas. No entanto, recentemente ele tem assumido outras funções, para além das quais foram criados, como por exemplo, ser instrumento de visibilidade e inserção na disputa pela adesão e manutenção de estudantes, como no caso do cenário curitibano. Ao indicar aqui a importância do jornal-laboratório na articulação teórico-prática e no próprio processo pedagógico de ensino-aprendizagem, busca-se pontuar aspectos centrais, além de agregar outros que passam a formar nova realidade em torno

¹ Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Pr.

² Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – Pr.

da produção destes veículos. Este trabalho trata-se, neste âmbito, de parte de uma pesquisa maior que tem por objetivo mapear a produção laboratorial impressa do estado do Paraná na busca de reconhecer a presença dos jornais laboratório em relação seus respectivos cursos de jornalismo, que teve início a partir de um projeto de conclusão do curso de jornalismo sob minha orientação e em artigos produzidos ao longo dos últimos três anos. Estamos convencidos que, mesmo com a desregulamentação da exigência do diploma de jornalismo a partir de 2009 e pela ausência de uma regulamentação clara sobre a obrigatoriedade de produção sistemática e independente de jornal laboratório, as faculdades de jornalismo tem utilizado esse produto, não apenas como um possível espaço pedagógico, mas especialmente como fator de diferenciação, notadamente no cenário de intensa disputa como o da capital paranaense.

Por um longo período na história do jornalismo no Brasil, essa atividade permanece sem uma legislação que a regulamentasse como profissão. Uma das implicações disso era a não-exigência do diploma de Ensino Superior para quem fosse executar as funções referentes ao trabalho de jornalista, situação esta que foi retomada quando da decisão do STF, em junho de 2009, quando aprovou a não exigência do diploma de jornalista para o exercício da profissão. Porém, foi a partir de 1969, mais precisamente em 17 de outubro, é que o jornalismo brasileiro passa ser reconhecido oficialmente como profissão, pelo Decreto-Lei 972. “Desse modo, a histórica rejeição aos profissionais formados em universidades acabou esvaziada pelos próprios donos das empresas jornalísticas. Em 1969, surgia a regulamentação da profissão, exigindo o diploma para ingresso em empresa de comunicação” (LOPES, 1989, p.33). Mesmo tendo sido editado no final da década de 1960, o Ensino Superior de jornalismo no Brasil antecede – de fato -0 esse momento em pouco mais de três décadas, o que evidencia preocupação de se ter profissionais qualificados para a atividade jornalística, tanto do ponto de vista reflexivo, como prático. Contudo, a realidade inicial dos cursos tenha favorecido conteúdos humanísticos. Desde a criação do primeiro curso superior de Jornalismo na Universidade do Distrito Federal [ainda localizado no Rio de Janeiro], fundada em 1935, por iniciativa de Anísio Teixeira, já ficava clara a preocupação em ministrar o ensino prático aos alunos sem, no entanto, esquecer da formação humanística.

Redações e oficinas sempre caminharam paralelamente a disciplinas teóricas, como Literatura, Política e História na formação dos profissionais, apesar da influência dos cursos de Filosofia a que as escolas de Jornalismo estiveram atreladas por diretrizes governamentais na fase inicial. (LOPES, 1989, p.19). Com o tempo, os cursos de jornalismo se desligam das faculdades de Filosofia. Isso se deu em grande parte, segundo Lopes (1989), pelo surgimento da Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero, em 1947. Além disso, ele observa a atuação do Centro Internacional de Estudios Superiores de periodismo para a América Latina (Ciespal) na renovação das diretrizes das escolas de jornalismo, através da realização de seminários que tratassem da temática do ensino de Comunicação. Muito embora, Lopes (1989, p.31) relate que as escolas de jornalismo, nessa época, possuíam grande defasagem em termos de equipamentos para o desenvolvimento da prática laboratorial: Coube a Casper Líbero o início da reação contra esse ensino puramente teórico-humanista, com a edição de notas de aulas de jornalistas e professores, como Carlos Rizzini. No Recife, o Instituto de Ciências da Informação, fundado por Luiz Beltrão, lançava um volume com as aulas de seu fundador sobre técnica de jornal, paralelamente ao livro *Jornalismo, História e Técnica* que o jornalista e professor do curso de Jornalismo, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos, Juarez Bahia, lançava naquela cidade. Além disso, surgia a revista *Comunicações & Problemas* sobre ensino e exercício profissional, também editada pelo Instituto de Ciências da Informação de Pernambuco, seguida dos *Cadernos de Jornalismo do Jornal do Brasil*.

Entrada do jornal-laboratório em cena

Desde que surgiu o primeiro curso de jornalismo no Brasil, uma preocupação sempre corrente foi articular a teoria com a prática laboratorial na atividade pedagógica. Algo que pudesse aproximar a formação acadêmica à realidade das atividades diárias dos jornalistas. Com a exigência do diploma do Ensino Superior para exercer a profissão, a responsabilidade dos cursos assumiu outro patamar, considerando que a partir daquele momento deveriam oferecer todo o aparato (teórico-humanista e prático) necessário ao aprendizado plena do aluno. Foi então, com esse objetivo de possibilitar aos estudantes o convívio com a atividade prática jornalística dentro da universidade, que surgem os

veículos laboratoriais, ou seja, situações “reais” de produção jornalística. No entanto, é necessário pontuar que, com a aprovação do Decreto-Lei 83.284 (que atualiza a lei de 1969), em 13 de março de 1979, a necessidade de veículos laboratoriais nos cursos de jornalismo acaba sendo potencializada. Isso acontece em virtude do artigo 19 desse decreto, que restringe qualquer tipo de estágio em empresas jornalísticas, situação esta que tem se relativizado na última década.³ Logo, aliando-se a exigência do diploma a restrição do estágio, se fez necessário a presença do jornal-laboratório dentro dos cursos de jornalismo, considerando que para ser jornalista a pessoa deveria passar pela universidade (a fim de construir todo o conhecimento exigido pela profissão) e não poderia ter contato com a prática profissional antes de entrar no mercado de trabalho.

“A introdução dos órgãos laboratoriais significou o início de mudanças nesses cursos. Com o Funcionamento dos laboratórios, eles foram se adaptando às características próprias desse novo objeto de conhecimento, que é a comunicação social. O ensino discursivo foi, pouco a pouco, cedendo lugar a uma aprendizagem prática. Me parece que, do ponto de vista histórico, o momento em que os órgãos laboratoriais vão encontrar uma legitimação é com a aprovação pelo Conselho Federal da Educação da famosa Resolução 03/78, porque foi a primeira vez que o CFE, ao legislar sobre o nosso ensino, [...] avançou, deu um passo adiante, quando estabeleceu que [...] as escolas deveriam contar também com órgãos laboratoriais”. (MELO, 1985, p.119).

A Resolução 03/78, apontada por José Marques de Melo, sofre alterações e complementos mais tarde em dois momentos. O primeiro deles foi em 08 de janeiro de 1979, com a Resolução no 01/79. E o segundo foi em 24 de janeiro de 1984, com a Resolução no 02/84. Atualmente consta no Conselho Nacional de Educação – MEC - proposta de alteração das Diretrizes Curriculares em Jornalismo, que em seus termos, não altera orientação quanto a importância dos jornais laboratórios impressos para a formação superior na área.

³ A Fenaj aprovou no 32º Congresso o Programa Nacional de Projetos de Estágio Acadêmico em Jornalismo, possibilitando a presença de estudantes em redações e assessorias, desde que supervisionados por professores e representantes dos Sindicatos e sem que isto substitua a contratação de jornalistas formados. Em caso recente, a Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa aprovou regulamento que autoriza a prática do estágio, baseado nas determinações da Fenaj e Sindijor – Paraná. <http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1267> (visitado em 08/02/2012)

Papel do jornal-laboratório na formação do aluno

Como citado no item anterior, o jornal-laboratório surge nos cursos de jornalismo a partir da demanda existente nos próprios cursos em oferecer um ensino calcado no aprendizado e exercício da atividade prática, sem, contudo, deixar de lado a reflexão teórica. Na verdade, esse tem se mostrado o grande desafio do jornal-laboratório em toda a sua história: a articulação teoria-prática. Embora haja registro de jornal-laboratório já no final da década de 1940 (*A Imprensa*, da Faculdade Casper Líbero), é somente nos anos 1980 que uma comissão se reúne para criar o conceito de jornal-laboratório. Segundo Lopes (1989), durante o VII Encontro de Jornalismo Regional sobre órgãos laboratoriais impressos, realizado na Faculdade de Comunicação de Santos, em outubro de 1982, a Comissão de Conceituação estabelece: O jornal-laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional. (apud LOPES, 1989, p.50). José Marques de Melo (1985, p.121) avalia que o jornal-laboratório possui “um papel importante no processo de aprendizagem”. Ele destaca que o jornal-laboratório se configura como o espaço em que o ensino de jornalismo ganha vida. Porém, é enfático ao dizer que essa atividade não pode ser, de modo algum, dissociada da teoria, o que inclui disciplinas humanísticas e disciplinas de natureza profissional. Nesse sentido, Lopes (1989, p.36) conclui: Os próprios órgãos laboratoriais podem ser utilizados para essa articulação teórico-prática. Nesses veículos, ao se fazer jornalismo, já estamos aplicando aquele conjunto de aptidões e atividades que a formação universitária deve desenvolver. Como a atividade culminante e integrada, o órgão laboratorial não é apenas prática, mas teoria-prática em movimento. Antônio Vieira Júnior (1998, p.31), por sua vez, acrescenta dentre as funções do jornal-laboratório a de “[...] indicar caminhos ao estudante para que fuja do mundo redutor da sala de aula, que só o faz conhecido pelos seus pares, do ambiente rotineiro e fechado da universidade”. Ele enfatiza que o mundo público exterior à universidade, a

vida política existente e o diálogo interdisciplinar apresentam-se como elementos centrais para o desenvolvimento profissional do estudante.

Cenário curitibano dos cursos de jornalismo

Curitiba possui, segundo dados do MEC, atualmente 09 cursos de jornalismo⁴. Esse número tem sofrido alterações nos últimos anos. Sentiu um forte crescimento na década de 1990, contudo a partir do final dos anos 2000, estabilizou, percebendo atualmente ligeira redução. Em ordem de surgimento, são esses os cursos de jornalismo da cidade⁵:

- 1. Universidade Federal do Paraná (UFPR).** O curso de jornalismo da UFPR é o primeiro de Curitiba. Ele surge oficialmente em 1969, com 30 vagas anuais.
- 2. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).** O curso de jornalismo da PUC-PR data de 1988 (oficialmente), quando é autorizado a funcionar com oferta de 150 vagas anuais.
- 3. Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).** O curso de jornalismo da UTP entra em funcionamento em 1994, com 200 vagas anuais.
- 4. Centro Universitário Campos de Andrade (Uniandrade).** O curso de jornalismo da Uniandrade surge em 1999, com 120 vagas anuais. (sem abertura de chamada desde 2011)
- 5. Centro Universitário Positivo (Unicenp) – atual Universidade Positivo.** O curso de jornalismo do Unicenp também surge em 1999, com 200 vagas.
- 6. Escola Superior de Estudos Empresariais e de Informática (ESEEI).** A ESEEI recebe autorização para ofertar o curso de jornalismo em 2000, com 150 vagas. ⁶ ????
- 7. Faculdade Organização Paranaense de Ensino Técnico (FAO).** O curso de jornalismo desta instituição surge em 2001, com oferta de 100 vagas.

⁴ Dados retirados do Portal SiedSup – site:

http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_cursos.asp Acesso em 08/03/2012.

⁵ Dados retirados do texto: “Ensino de jornalismo e mercado de trabalho local: Evolução recente e perspectivas”, de autoria do professor doutor Emerson Urizzi Cervi. O texto consta no Cd-rom do VII Seminário de Inverno, evento realizado em 2004, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

⁶ Segundo dados do Portal SiedSup, consta a Faculdade Eseei, no entanto ela encerrou suas atividades

8. Faculdades Integradas do Brasil (UniBrasil). A partir de 2001, a UniBrasil passa a ofertar o curso de jornalismo com 150 vagas.

9. Faculdade Internacional de Curitiba (Facinter). É um dos cursos de jornalismo mais recentes em Curitiba. Dá início a suas atividades em 2007, com 280 vagas.

Cursos de jornalismo de Curitiba e jornais-laboratório

Sabe-se que em Curitiba no presente momento há 08 cursos de jornalismo em funcionamento, muito embora dados oficiais identifique 09 cursos. Isto demonstra em refluxo, uma vez que em 2008 haviam 10 cursos em funcionamento. (Bronosky e Gomes, 2008). Embora seja um universo que apresenta características bem distintas, como por exemplo, data de surgimento dos cursos (uns mais antigos, como o da UFPR, e outros recém-abertos, como o da Facinter) e número de vagas, era de se esperar que uma característica eles tivessem em comum: o jornal-laboratório.

A presença de pelo menos um jornal-laboratório nos cursos de jornalismo, antes de tudo, antes de ser algo optativo e aleatório, uma “benfeitoria” para os alunos, configura-se como uma norma do MEC, uma exigência para o funcionamento dos cursos. Isso sem considerar a importância e centralidade dessa atividade para a formação dos estudantes, como já foi discutido anteriormente.

O fato é que numa rápida pesquisa junto aos 10 cursos de jornalismo de Curitiba, constatou-se que apenas cinco possuem jornal-laboratório: UFPR (*Comunicação*), PUC (*Comunicare*), UTP (*Pauta NQM, Arquivo e Folha da Praça*), UP (*Lona*) UniBrasil (*Capital da Notícia Zona Leste e Capital da Notícia Especial*) e Facinter (*Marco Zero*). Os outros, por sua vez, não possuem o jornal-laboratório impresso oferecidos regulamente, mas se encontram funcionando normalmente.

Longe de entrar na questão dos critérios de avaliação dos cursos estipulados pelo MEC e até mesmo da fiscalização desse órgão aos cursos de jornalismo, sobretudo quanto ao jornal-laboratório, o que é importante ressaltar é que a quase 40% dos cursos da capital não possui jornal-laboratório. Para os dois mais recentes, ainda é possível compreender e relevar uma possível justificativa de que não haja um jornal-laboratório em virtude da recente abertura do curso.

No entanto, quanto aos outros, o tempo de abertura do curso não justifica essa lacuna no processo de ensino-aprendizagem.

De fato, há discrepância entre o número de cursos e a oferta de jornais laboratório, considerando a importância da atividade e a exigência do MEC. Em geral, a constatação que pôde ser feita é que a atividade do jornal-laboratório ainda se mostra uma peça vulnerável nos cursos, sendo produzido sem regularidade. Os motivos são das mais diversas ordens: econômica, como já aconteceu na UFPR no início dos anos 2000, onde a periodicidade do veículo laboratorial impresso ficou comprometida em virtude da falta de verbas; institucional (por n motivos, pode ser que uma instituição não queira ter um jornal laboratório); e pedagógica (na verdade falta de preparo pedagógico). Em muitos casos, o motivo da falta de um jornal-laboratório impresso é o mero desdém para com a atividade e sua importância no processo de aprendizado pedagógico (teórico-prático) do aluno na academia é relativizada.

Por outro lado, a atividade laboratorial tem ocupado outro lugar nas instituições. Mesmo, em alguns casos, não mantendo periodicidade indicada, tem sido instrumento de promoção dos próprios cursos. Na realidade curitibana, por exemplo, esta situação se agrava, uma vez que a disputa é acirrada em função da grande oferta de cursos, especialmente no setor privado, ainda que este número tenha diminuído nos últimos anos. Isto fica demonstrado com a participação cada vez mais intensa de jornais laboratório junto ao Prêmio Sangue Novo de Jornalismo, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná. Evento que existe desde 1995, tem por objetivo escolher as melhores produções oriundas das Escolas de Jornalismo do Estado. Como se pode notar no quadro abaixo o Prêmio tem sido ocupado por produtos oferecidos por instituições privadas.

ED. SANGUE NOVO ⁷	ANO	INSTITUIÇÃO	JORNAL LAB. VENCEDOR	CLASSIFICADOS
1	1995	Não informado	Não informado	Não informado
2	1996	UEPG	Foca Livre	Não informado
3	1997	UFPr	Comunicação	Não informado
4	1998	PUC-Pr	Comunicare	Foca Livre –

⁷ Dados fornecidos pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná em 20/03/2012.

				UEPG (2°); UEL (3°).
5	1999	PUC-Pr	Comunicare	Foca Livre (Menção Honrosa); Laboratório da Notícia – UNICENP (Menção Honrosa).
6	2000	PUC-Pr	Comunicare	Laboratório da Notícia – UNICENP (2°); Revista Entrelinha – UNICENP (3°).
7	2001	PUC - Pr	Comunicare	Laboratório da Notícia – UNICENP; Foca Livre – UEPG; Pauta NQM – Tuiuti.
8	2002	PUC-Pr	Comunicare	Laboratório da Notícia – UNICENP (2°); Foca Livre – UEPG (3°); Pauta NQM – UTP (Menção Honrosa)
9	2003	PUC-Pr	Comunicare	Arquivo NQM – UTP (2°); Capital da Notícia – Bairros - UNIBRASIL (3°).
10	2004	UNICENP	Lona	Comunicare – PUC – (2°); Capital da Notícia (bairro) – UNIBRASIL – (3°).; Observatório – UNIPAR – (Menção Honrosa).
11	2005	PUC- Pr	Comunicare	Capital da Notícia (Curitiba), Capital da

				Notícia (Bairros); Unibrasil (2º); Lona – Unicenp (3º)
12	2006	PUC-Pr	Comunicare	Lona – UNICENP (2º); Comunicação - UFP.R (3º)
13	2007	Não informado	Não informado	Não informado
14	2008	PUC-Pr	Comunicare	Lona – Unicenp (2º); Comunicação – UFPPr (3º)
15	2009	PUC-Pr	Comunicare	Lona - Unicenp
16	2010	FACINTER; UNICENP	Marco Zero; Lona	Comunicação – UFPPr (3º); Comunicare - PUC-PR – 2º lugar
17	2011	Não informado	Não informado	Não informado

Este quadro, além de demonstrar a hegemonia dos cursos privados, revela uma intencionalidade, de através do Prêmio, se posicionar junto à sociedade local, como referência na eventual captação de novos alunos. Segundo o presidente do Sindicato, Márcio Rodrigues, o Prêmio constitui-se num espaço de destaque não apenas para os estudantes, mas igualmente para as instituições que passam a divulgar os resultados, como no caso do Facinter que exibe em seu site os premiados pelo concurso.⁸ Situação semelhante ocorre no curso da Unicenp (Positivo). “O LONA foi premiado 10 vezes no concurso Sangue Novo, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná (Sindojo), duas delas em primeiro lugar (2005 e 2010). E também recebeu prêmios na Expocom, um dos mais importantes eventos de comunicação do país”.⁹

Conclusões

⁸ http://facinter.grupouninter.com.br/cursos-presenciais_jornalismo.php (visitado em 20/03/2012)

⁹ <http://jornalismo.up.com.br/conteudo/1236/lona---jornal-impresso-laboratorio-da-noticia.aspx> (visitado em 20/03/2012)

Antes de ser uma obrigatoriedade do MEC, o jornal-laboratório se configura como um grande instrumento de aprendizagem nos cursos de jornalismo. Ele permite ao estudante ter contato com a prática cotidiana da futura da profissão, de forma que seja possível fazer a ponte com os conhecimentos teóricos. No entanto, a grande questão que se coloca é que muitos docentes não têm discernimento para visualizar como é rica, produtiva e proveitosa essa atividade para o aluno.

Como afirmam os autores, o jornal-laboratório destaca-se, sobretudo, pela capacidade que possui de fazer a articulação teórico-prática no Ensino Superior. No entanto, muitos não se voltam para tal atividade, a qual merece atenção e valorização. Por outro lado e especialmente após a decisão que desregulamentou a profissão, os Jornais laboratórios passaram a atuar, ainda que de forma irregular, como instrumento de disputa entre as instituições, oferecendo espaço de visibilidade. Se em outros momentos a questão estava pautada na efetivação do uso dos jornais laboratórios impressos como espaço de aprendizagem ou mesmo quando estes serviam aos interesses imediatos nas instituições tornando-se obras das assessorias de comunicação, atualmente incorporaram outra característica sem, em alguns casos, perder as referências anteriores. Tornaram-se, igualmente, instrumentos de alavancagem indireta dos êxitos das faculdades de jornalismo.

Referências Bibliográficas

BRONOSKY, Marcelo Engel. Manuais de Redação e jornalistas: estratégias de apropriação. Ponta Grossa. Editora UEPG, 2010.

BRONOSKY, Marcelo Engel, GOMES, Paulo. **Papel e relevância do jornal-laboratório na formação do profissional em Jornalismo. XI Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação.** Ponta Grossa, Editora UEPG, 2008 – meio eletrônico

GOMES, Paulo. **Lógicas de Produção da Notícia e Critérios de Noticiabilidade nos Jornais- Laboratório Comunicação e Comunicare.** Ponta Grossa, UEPG, 2008. Monografia de Conclusão de Curso.

LOPES, Dirceu F. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. V.32. 1a edição. São Paulo: Summus, 1989.

MELO, José M. de. **Comunicação: teoria e política**. 1a edição. São Paulo: Summus, 1985.

VIEIRA JÚNIOR, Antônio. **Manual de Jornal-laboratório (conceitos, regras e definições)**. São Paulo, 1998.